
ESPAÇOS E LINHAS*

José Ternes**

Encontramo-nos já na segunda década do século XXI. Bem distantes do limiar da modernidade marcado por profundas transformações do saber. As revoluções científicas da virada de século, presentes em praticamente todos os intelectuais da época, perderam o seu encanto, e não apavoram mais cientistas e filósofos. Ao contrário, apesar dos efeitos cada vez mais contundentes, se apagam sob o manto da normalidade. De modo que parece suficiente declarar-se partícipe da idade do conhecimento para dispensar toda reflexão. O “novo espírito científico” (BACHELARD) sucumbe à falta de espírito.

Em muitas Universidades, e sob os auspícios e regulação dos órgãos oficiais da política de pesquisa e pós-graduação, uma inquietante inversão toma corpo: importa o institucional (e burocrático), antes que o próprio saber.

Nesses espaços, que extemporaneamente lembram os grandes quadros da História Natural dos séculos XVII e XVIII, tudo tem o *seu lugar*. E, supõe-se, o conjunto desses lugares faz o todo. Não é o momento de um inventário mais exaustivo. Gostaria de assinalar um desses espaços. Gostaria de me ocupar, brevemente, da noção de *Linha de Pesquisa*. Nos Programas de Pós-Graduação, a Linha aparece sempre como a instância imediata da distribuição do que se presta ao saber: pesquisa, ensino, orientação, atividades outras.

Em nossa PPEG temos atualmente três Linhas. *Educação, Sociedade e Cultura* é uma delas. Destaco-a, pois pertencço a ela, e sou, também, eventualmente, o seu coordenador. Como nas demais, como

nas milhares dos Programas Brasil a fora, a Linha é reconhecida por sua *ementa*. E a nossa aparece com a seguinte redação:

Compreende estudos e investigações que problematizam aspectos sociais, culturais e históricos constituintes das práticas educativas. Tem como pressuposto a natureza multidimensional da educação como condição de possibilidade para produção de conhecimento pluridisciplinar. Abrange duas vertentes de investigação: a) concepções, representações e práticas socioculturais/educacionais, destacando temáticas relacionadas à sociabilidade, às culturas de segmentos juvenis e outros agrupamentos sociais, formas de subjetividades, processos midiáticos/comunicação, escolarização e os recortes de classe, gênero, etnia e outros; b) a história social e institucional do pensamento educacional e das práticas educativas em tempos e espaços diferenciados.

Observe-se que esta linha de pesquisa é a mais ampla das três. Poderá ela acolher atividades e projetos extremamente diversificados. Não saberia, ou não me atreveria, a eleger uma das noções presentes no título como decisiva na ordenação de um campo de saber. Ou, talvez, nem se possa, rigorosamente, falar em campo de saber. Observando bem, o que é uma linha? Pode significar muitas coisas. Não cabe inventariar todas as possibilidades semânticas. Mas gostaria de assinalar um distinção filosófica fundamental estabelecida Georges Canguilhem em seu artigo *Morte do homem ou esgotamento do Cogito?* Refiro-me a esta frase: “...o homem habita uma cultura, não um planeta”, endereçada à história dos saberes de Foucault, a *Les mots et les choses*, no caso. Uma severa crítica ao realismo epistemológico moderno, que costuma ver realidade onde há, apenas, ficção. Uma região de saber não pode ser definida com os critérios da geografia, ou da geologia. Uma região de saber é, e a redundância é intencional, aqui, da ordem do saber. Portanto, é nossa criação. Ela não existe a priori, mas é desenhada pela reflexão. É, pois, nossa invenção. Seus limites, portanto, são tênues. Como nos ensina Blanchot, em *A experiência-limite*, o limite somente é perceptível quando se o ultrapassa. Linhas muito seguras, somente numa geometria euclidiana. Ali tudo é plano, tudo é reto, os marcos são visíveis. Sabe-se, de antemão, o que pode e o que não pode. Não acredito em linhas seguras. Uma linha de pesquisa, antes que um porto seguro (o que, quando se fala em Academia, significa vigilância, avaliação

constante, fiscalização, punição, culpa, etc), talvez deva ser entendida como pura possibilidade de invenção. A distinção, o divisor de águas, que gostaria de insinuar, talvez seja o que separou (separa) o realismo do surrealismo. A escola, realisticamente, confinou essas palavras ao pequeno espaço do ensino de literatura. Penso que nossa modernidade toda surgiu como um grande movimento surrealista. Trata-se, segunda Foucault, não de uma delimitação cronológica, mas de uma atitude. Exigência, portanto de uma engajamento. Se assumida como radicalmente moderna, como entende Rimbaud, nossa modernidade, nosso presente, exige uma surrealização da cultura, antes que sua preservação.

* Texto recebido em: 20.05.2013

Aprovado em: 25.11.2013.

** Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo -USP; Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PPGE/PUC Goiás. *E-mail*: joseternes@hotmail.com.